



ISSN 1984-5634

VIVENDO AUTOBIOGRAFICAMENTE: CONTRIBUIÇÕES DE PAUL JOHN EAKIN AOS ESTUDOS AUTOBIOGRÁFICOS

Living autobiographically: Paul John Eakin's contributions to autobiographical studies

FABIANA ALVES DANTAS¹

RESUMO

Em *Vivendo autobiograficamente: a construção de nossa identidade narrativa*, Paul John Eakin entende a construção da identidade narrativa do indivíduo como um processo contínuo, que se dá a partir da combinação de fatores socioculturais e biológicos. Seu argumento de que as pessoas vivem autobiograficamente é construído a partir da interação com diferentes áreas do conhecimento como a História, Neurobiologia e Psicologia, possibilitando pensar o exercício autobiográfico a partir de uma perspectiva que interessa não só aos debates sobre o gênero da autobiografia, mas também sobre temas como a exposição na *Internet* e a memória. Portanto, trata-se de uma obra que merece atenção dos interessados nesses temas, tendo em vista as provocações interessantes que traz à tona.

PALAVRAS-CHAVE: identidade narrativa; autobiografia; memória.

ABSTRACT

In *Living Autobiographically: The Construction of Our Narrative Identity*, Paul John Eakin understands the construction of the individual's narrative identity as an ongoing process, based in a combination from sociocultural and biological factors. His argument that people live autobiographically is built from the interaction with different areas of knowledge such as History, Neurobiology and Psychology, making it possible to think of the autobiographical exercise from a perspective that interests not only debates on the genre of autobiography, but also on topics such as Internet exposure and memory. Therefore, it is a work that deserves attention from those interested in these topics, in view of the interesting provocations it brings to light.

KEYWORDS: narrative identity; autobiography; memória.

Resenha de: EAKIN, Paul John. **Vivendo autobiograficamente:** a construção de nossa identidade narrativa. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

EDITORA-CHEFE:

Elisa Schneider Venzon

EDITOR-GERENTE:

Leandro Ferreira Souza

SUBMETIDO: 29/06/2021

ACEITO: 23/01/2024

COMO CITAR:

DANTAS, F. A. *Vivendo autobiograficamente: contribuições de Paul John Eakin aos estudos autobiográficos*. Aedos, Porto Alegre, v. 16, n. 37, p. 546-552, jun.-set. 2024.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

¹ Doutoranda em História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Orcid: 0000-0002-3543-5341. E-mail: fabiana.dantas03@gmail.com

Paul John Eakin, professor do Departamento de Inglês da Indiana University, é um autor cujo trabalho ainda é pouco conhecido no Brasil. Com formação em História e Literatura, tem dado contribuições aos estudos autobiográficos que ainda carecem de traduções brasileiras. É o caso, por exemplo, de *Touching the World: Reference in Autobiography* (1992) e *Fictions in Autobiography: Studies in the Art of Self-Invention* (1985), ambas obras publicadas pela Princeton University Press. O trabalho mais recente, *Living Autobiographically: How We Create Identity in Narrative* (2008), publicado pela Cornell University Press, é a primeira de suas obras a ser traduzida no Brasil, o que se torna uma oportunidade para que pesquisadores brasileiros conheçam as contribuições de Eakin em sua linha de pesquisa. Lançada em 2019 pela Letra e Voz, editora especializada em publicações na área de humanidades, a obra recebeu em português o título *Vivendo autobiograficamente: a construção de nossa identidade narrativa*.

Como sugere o título, o autor defende a tese de que as pessoas vivem autobiograficamente. É uma afirmação que pode ser considerada, no mínimo, instigante. Para compreender o significado da tese proposta, é interessante partir da definição de identidade narrativa apresentada: para o autor, existe uma profunda conexão entre narrativa e identidade, o que tornaria possível se falar em identidade narrativa, considerando-se a premissa de que “a narrativa não é meramente algo que contamos, escutamos, lemos ou inventamos, ela é parte essencial da nossa percepção sobre aquilo que somos” (EAKIN, 2019, p. 9). Essa definição conduz ao entendimento de que as histórias de vida não são sobre *o que* as pessoas são, mas sim *quem* elas são. Sob essa perspectiva, a identidade narrativa é vista como algo construído continuamente ao longo da vida do indivíduo, processo esse que constituiria o ato de viver autobiograficamente. Com isso, tem-se a interpretação de que aquilo que uma pessoa é pode ser considerado “uma história de algum tipo” (EAKIN, 2019, p.9), sobre o que se argumenta:

A conclusão da minha abordagem sobre a identidade narrativa consiste em sugerir que, quando dizemos quem somos, nos baseamos nas – mas não somos totalmente determinados pelas – restrições físicas e sociais de nossas vidas dentro da cultura humana (EAKIN, 2019, p. 10).

Para fortalecer seu argumento a respeito dessas influências na formação da identidade narrativa, no primeiro e no segundo capítulo da obra – *Falando sobre nós mesmos: as regras do jogo* e *Consciência autobiográfica: corpo, cérebro, eu e narrativa*, respectivamente – se discorre sobre os fatores socioculturais e biológicos que, segundo o autor, interferem nessa construção. Eakin (2019) realiza um sofisticado diálogo interdisciplinar para consolidar sua afirmação de que tanto o ambiente sociocultural quanto fatores somáticos, do corpo, interferem na consciência que um indivíduo tem de si mesmo. Por sinal, em relação a este ponto, vale destacar o mérito da obra no que concerne a tornar esse diálogo de fácil compreensão para leitores leigos nas disciplinas abordadas, como a Neurobiologia e a Psicologia.

Sobre as influências socioculturais nesse processo, o autor faz apontamentos que destacam o papel exercido por regras existentes no âmbito da cultura e das convenções sociais no que se refere ao discurso de quem fala de si e de sua história para os outros:

Falar sobre nós mesmos também é um tipo de gênero, como se vê, com regras e penalidades, que repousam no reconhecimento, por parte dos outros, de nós mesmos enquanto pessoas; assim como nas memórias, também na narração de si os valores fundamentais da cultura estão em jogo. A despeito das nossas ilusões de autonomia e autodeterminação – “*Eu escrevo minha história, eu digo quem sou*” – nós não inventamos nossas identidades a partir do nada. Em vez disso, nós a moldamos a partir dos recursos da cultura em que vivemos, recursos que especificam o que significa ser homem, ser mulher, ser trabalhador, ser uma pessoa dentro das circunstâncias em que vivemos nossas vidas (EAKIN, 2019, p. 37).

Já no tocante aos fatores biológicos, perseguindo o objetivo de entender “o que representa exatamente o ‘eu’ de uma autobiografia” (EAKIN, 2019, p. 74), o autor acredita na possibilidade de que o “eu” exista antes da linguagem, ancorando-se especialmente nos estudos da Psicologia do Desenvolvimento e da Neurobiologia. Com isso, ele pondera a respeito da existência de uma gratificação psicológica da reflexividade na autobiografia que contribui de alguma forma para uma sensação de estabilidade do indivíduo, que a exerce como uma atividade identitária:

Quando falamos sobre nós mesmos, e ainda mais quando moldamos um eu-personagem dentro de uma autobiografia, oferecemos um certo grau de permanência e solidez narrativa – ou “corporal”, podemos dizer – para estados do sentir identitário que de outra forma seriam evanescentes. Temos a satisfação de aparentar ver a nós mesmos vendo; de aparentar ver a nós mesmos *nos* vendo (EAKIN, 2019, p. 89).

É interessante aproximar essas ideias de Eakin (2019) com as de Paul Ricoeur, filósofo francês que também discutiu a questão da identidade narrativa. Preocupando-se com a relação entre tempo vivido e narração e entre experiência e consciência desde o primeiro volume de sua obra *Tempo e Narrativa* (1994) e em *O si mesmo como um outro* (1991), ele defende o seguinte conceito:

a pessoa, compreendida como personagem de narrativa, não é uma entidade distinta de suas ‘experiências’. Bem ao contrário: ela divide o regime da própria identidade dinâmica com a história relatada. A narrativa constrói a identidade do personagem, que podemos chamar sua identidade narrativa, construindo a da história relatada. É a identidade da história que faz a identidade da personagem (RICOEUR, 1991, p. 176).

Nota-se então que o filósofo atribui à narrativa uma importância significativa na construção identitária, pois, para ele, o eu volta-se a si mesmo e escreve sua história de vida como um outro. Essa tese é semelhante à de Paul Eakin (2019) porque ambos indicam o ato de narrar como parte dessa construção, embora *Vivendo autobiograficamente* apresente um diálogo com outras disciplinas que levam seu autor a enfatizar outros aspectos envolvidos nesse processo. Enquanto isso, Paul Ricoeur enfatiza no conjunto de sua obra a questão do tempo que, para ele, se constitui reciprocamente com a narrativa – o primeiro, o tempo vivido, sendo objeto da narrativa; e a última a consciência de si do tempo vivido –. Além disso, se para Paul Eakin (2019) o eu pode existir antes da linguagem e narra voltando-se a si mesmo como se visse a si mesmo vendo-se, Paul Ricoeur (1991) enfatiza que a identidade é construída a partir da identificação com o outro, sendo esse outro,

inclusive, o narrador. Ou seja, para este, o si que é relatado na narrativa constrói a identidade do eu como um outro. O filósofo francês enfatiza novamente a questão temporal quando defende que a função da identidade narrativa seria relacionada à permanência do caráter no tempo e a manutenção do si. Apesar desses pontos particulares à cada tese, vê-se que ambos os autores acreditam na variação da identidade com o passar do tempo, visto que, à medida que novas coisas acontecem enquanto uma pessoa vive e ela segue construindo a narrativa de sua história, sua identidade também vai passando por mudanças.

No terceiro capítulo, intitulado *Trabalho identitário: pessoas fabricando histórias*, o autor se pergunta: “Como separar agência e condicionamento quando se trata de identidade?” (EAKIN, 2019, p. 98). A partir disso, disserta a respeito dos graus de interferência exercida pelos fatores citados no primeiro e segundo capítulos no trabalho identitário, frisando as múltiplas temporalidades associadas a esse trabalho, que não é, na visão do autor, necessariamente retrospecto. Isso representa um olhar diferente em relação a uma tendência que considera a autobiografia uma prática na qual se reflete sobre o passado já vivido por um indivíduo; ao contrário disso, quando Eakin (2019) aponta essas múltiplas temporalidades envolvidas no ato de falar ou escrever sobre si mesmo, destaca a autobiografia como “o tecido de nossa experiência à medida que a vivemos” (EAKIN, 2019, p. 153).

Ainda sobre o terceiro capítulo, um ponto digno de nota é o fato de que, além dessa argumentação, o autor apresenta e reflete sobre seu próprio exercício autobiográfico, discorrendo sobre questões de sua vida, frisando especialmente as relações com o falecido pai. Além disso, também vale destacar as ponderações importantes acerca do atual debate sobre exposição na *Internet*, que apontam para a necessidade de considerar as motivações relacionadas à prática contemporânea na qual as pessoas fornecerem voluntariamente informações sobre si mesmas ao se exporem nas redes sociais. A importância e atualidade desse assunto, por sinal, se reflete em publicações mais recentes como *Sociedade da Transparência* (2017) do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, publicada originalmente em 2012, na qual se discute o fato de que as pessoas, a partir de uma falsa sensação de liberdade, permitem a vigilância sobre si com a autoexposição voluntária. A obra de Paul John Eakin (2019) traz algumas questões relevantes a esse respeito e pode contribuir com esse debate, já que direciona para reflexões acerca da preocupação das pessoas com a recepção de suas histórias e com a mortalidade, apontadas como elementos constituintes do exercício de falar e escrever sobre si. São essas intencionalidades que encontram na *Internet* um espaço propício para se realizarem, por meio da autoexposição.

Esse desejo de deixar um rastro de si mesmo na tentativa de confrontar a finitude da existência humana possui relação com o desejo de memória, assunto muito discutido na historiografia, especialmente no tocante ao conjunto de práticas comumente referidas como escritas

de si. Acerca disso, a historiadora Angela de Castro Gomes (2004) menciona as intencionalidades referentes a *como* se quer sobreviver na memória dos outros, destacando o peso dessas intencionalidades no ato de dar-se a ver, sempre marcado por uma espécie de autocensura no âmbito das convenções sociais. Para Eakin (2019), tal desejo de memória está associado a uma vontade de que seja atribuído valor a qualquer pessoa e qualquer vida, vontade essa muito vinculada à dinâmica dos fatores sociais que interferem na construção identidade narrativa:

o êxito na performance da narração de si, considerada socialmente, nos qualifica como indivíduos normais; além disso – e esta é a minha questão aqui –, esse êxito pode confirmar que nós vivemos vidas interessantes e que somos, da mesma forma, pessoas interessantes que merecem respeito dos demais. Creio que nós efetivamente ligamos para a ideia de que nossas vidas são interessantes e por conseguinte valiosas, pois isso é algo que mensuramos ao monitorar a recepção que temos quando conversamos sobre nossas vidas com os outros. Creio que nós ansiamos por esse tipo de validação que a recepção das nossas histórias, contadas e escritas, oferece. Além do mais, acredito que, por trás da narração de qualquer história de vida, está sempre à espreita um olhar para a mortalidade, o desejo de que qualquer pessoa e qualquer vida tem valor (EAKIN, 2019, p. 134).

Percebe-se a existência de uma proximidade dessa argumentação do autor com o conceito de memória cultural defendido pela pesquisadora alemã Aleida Assmann. Para ela, as sociedades realizam um empenho para legar uma memória duradoura na esfera da cultura, que vai além da memória individual:

A memória cultural é um tipo de memória que sobrevive ao tempo, que transcende o tempo de vida do indivíduo. Existiu antes de mim e existirá depois de mim. Participo dessa memória cultural enquanto estiver vivo. Como essa memória existe por um longo tempo, os mortos podem se comunicar com os vivos e os vivos podem se comunicar com as próximas gerações. Se não tivéssemos esse conceito, cada um só teria à disposição sua própria memória e não haveria essa memória cultural (ASSMANN, 2013, p. 7).

Em *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, Assmann (2011) identifica a memorização dos mortos como núcleo antropológico da memória cultural, isto é, um aspecto no qual é possível observá-la em todas as sociedades. Saber da finitude da vida gera desejo de memória e, ao longo da história, as pessoas mobilizaram esse desejo para criar diferentes práticas e lugares associados à intenção de serem lembradas de algum modo. Muitas ações em vida podem ser voltadas para essa intenção, como é o caso da busca pela fama, já que esta seria a forma mais garantida de imortalidade, de modo que “viver muito significa sobreviver na lembrança das pessoas” (ASSMANN, 2011, p. 42). Em razão disso, por exemplo, percebe-se a relevância da escrita como instrumento importante na construção do tempo e da memória no âmbito secular desde o Renascimento, o que fez com que começasse a existir, naquele período, uma preocupação maior com a questão da autoria, almejando-se a imortalidade possibilitada pela fama.

No quarto e último capítulo, intitulado *Vivendo autobiograficamente*, parte-se da questão “Por que é que as pessoas contam e por vezes escrevem suas histórias de vida?” (EAKIN, 2019, p. 157). O argumento do autor frisa que a memória autobiográfica e a narrativa autobiográfica estão orientadas para o futuro. Dessa forma, reforça sua tese sobre o viver autobiograficamente como o

“momento de marcação consciente, o protótipo do ato autobiográfico” (EAKIN, 2019, p. 174) que constitui o processo de construção da narrativa identitária no qual estariam envolvidas todas as pessoas, o tempo todo. Processo esse que, para o autor, ajudaria o indivíduo a “monitorar” quem ele é e, por isso, a autobiografia contribuiria para a manutenção de uma estabilidade:

Poderíamos dizer que o rastreamento de estados identitários ao longo do tempo, realizado pela autobiografia, serve a um objetivo homeostático. Nesse sentido, o propósito adaptativo da narrativa de si, seja ela neurobiológica ou literária, seria a manutenção de estabilidade no indivíduo humano através da criação de um senso de identidade (EAKIN, 2019, p. 160).

À guisa de reflexões conclusivas sobre as contribuições de *Vivendo autobiograficamente: a construção de nossa identidade narrativa* para os estudos da autobiografia, vê-se primeiramente que, ao lançar luz para a importância de considerar os fatores socioculturais associados às narrativas de si, a obra de Paul John Eakin (2019) corrobora a necessidade de se levar em conta o fator das intencionalidades das convenções sociais – o que já vem sendo feito atualmente por trabalhos na área de humanidades que tratam do amplo conjunto de práticas convencionalmente chamado de escritas de si –, além de provocar reflexões sobre essas práticas na contemporaneidade. Ao mesmo tempo, ao destacar também o papel dos fatores somáticos nesse processo, o autor agrega contribuições de outras disciplinas que muitas vezes não são levadas em conta nesses trabalhos, o que pode ser visto como um estímulo ao diálogo interdisciplinar, sinalizando mais questões a serem levadas em conta.

Considerando ainda que as ponderações do autor ultrapassam os limites da escrita autobiográfica, tratando também da própria fala das pessoas sobre suas vidas, é pertinente se pensar também na contribuição do pensamento de Eakin (2019) para o campo da história oral. Em conhecido artigo, o sociólogo Michael Pollak (1992) já apontava que a fluidez da memória – individual ou coletiva –, ao contar com o fator da seletividade, trata-se de um fenômeno consciente e inconsciente e possui uma ligação estreita com o sentimento de identidade (POLLAK, 1992, p. 204). Assim sendo, o campo da história oral e os estudos da memória certamente se beneficiariam de um diálogo interdisciplinar que seja capaz de promover tanto a compreensão da dinâmica social que caracteriza a memória e a formação de identidades – algo sobre o que já se vem pensando desde a importante contribuição do sociólogo francês Maurice Halbwachs com sua conhecida obra *La Mémoire Collective*, publicada originalmente em 1950 – e também dos fatores biológicos envolvidos nesse processo.

Por fim, acrescenta-se que os estudos autobiográficos têm especial relevância em um momento histórico onde temas como individualidade, transparência e exposição são recorrentes, pois possibilitam identificar as motivações e configurações assumidas pelas narrativas de si diante do cenário atual. Em razão disso, ressalta-se a importância da obra aqui resenhada. No Brasil, país onde o trabalho de Paul John Eakin ainda se encaminha para atingir um público maior, tem-se com

esta tradução a oportunidade de agregar suas relevantes contribuições ao debate intelectual concernente a tais questões.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011.

ASSMANN, Aleida. 'Lembrar para não repetir'. *Jornal da Unicamp*. Campinas, p. 6-7. jun. 2013. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/jornal/paginas/ju_564_pagina_06e07web.pdf. Acesso em: 23 dez. 2023.

EAKIN, Paul John. *Fictions in Autobiography: Studies in the Art of Self-Invention*. Princeton: Princeton University Press, 1985.

EAKIN, Paul John. *Touching the World: Reference in Autobiography*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

EAKIN, Paul John. *Living Autobiographically: How We Create Identity in Narrative*. Ithaca: Cornell University Press, 2008.

EAKIN, Paul John. *Vivendo autobiograficamente: a construção de nossa identidade narrativa*. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 7-14.

HALBWACHS, Maurice. *La Mémoire Collective*. Paris: PUF, 1950.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215. jul./dez. 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>>. Acesso: 24 jun. 2021.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*, vol. 1. Campinas: Papirus, 1994.